

O Brasil lavado com Omo

RUY CASTRO *

Nem tudo nesta transformação do país numa grande Lavanderia Brasil é tão ruim quanto parece. A lavagem de milhões de dólares pelo anão João Alves através da loteria foi uma sujeira, é certo. Mas, pelo menos, foi descoberta a tempo, antes que o cofre da União ficasse definitivamente limpo. A lavagem de roupa fora de casa pelas ex-mulheres ou namoradas de políticos — por mais *disgusting* que pareça tal exposição pública de calcinhas e cuecas sujas — também pode contribuir para uma higiene no Congresso. E as águas na CPI do Orçamento já poderiam estar mais claras se alguns deputados não falassem mais que lavadeiras, vazando informações fora da bacia e dado tempo a que alguns acusados enxugassem suas contas.

O governador da Paraíba, Ronaldo Cunha Lima, é que não entendeu o espírito da coisa. Ele preferiu lavar sua honra com sangue, dando um tiro na boca e outro no peito do ex-governador Tarcisio Burity, que o vinha atacando. Para sorte da vítima, o agressor, famoso como violeiro e bebum, estava numa água de fazer gosto e, mesmo atirando à queima-roupa, conseguiu não acertar direito. Talvez tenha visto dois Buritys. Na verdade, exceto alguns furos não letais, provocou apenas uma enorme lambança na mesa do restaurante grã-fino de João Pessoa onde se deu o atentado — lambança posteriormente igualada pela Assembleia Legislativa da Paraíba ao negar autorização para a Justiça processá-lo.

Tal lambança só foi superada pela imortal declaração do presidente do Senado, Humberto Lucena, de que Cunha Lima teve uma "postura digna" ao ir pessoalmente despejar chumbo no cabra. Indigno, segundo Lucena, teria sido contratar um jagunço para atirar no dito. De fato,

para que pagar a um cangaceiro para matar alguém quando o próprio injuriado pode fazer o serviço? A fala do alvar senador paraibano — principalmente sendo ele presidente de uma das casas do Congresso — abre caminho para toda uma nova etiqueta jurídica.

Pela sua lógica, ficam previamente absolvidos os esquadrões da morte, os grupos de extermínio, os *comandos* de caça e qualquer livre-atirador armado com uma pistola e com um motivo para atirar. Ou seja: lavou, está limpo. E o próprio Congresso pode transformar-se numa espécie de O. K. Corral, desde que os congressistas se tratem por Vossa Excelência antes de sacar os trabucos. O presidente Itamar Franco, que não é de sacar muita coisa, especialmente trabucos, deve ter ficado pasmo com a declaração do seu ex-quase futuro sogro.

A importância da lavanderia na vida nacional foi reforçada ontem pelo deputado Ibsen Pinheiro, justificando suas poupanças e movimentações de dólares muito acima de seu salário. Ibsen afirmou que, "como presidente da Câmara, não tinha despesas nem de lavanderia", sendo estas pagas pela União. Isso explica tudo: qualquer pessoa que mande lavar os ternos a seco sabe o que ele está dizendo. Como era o contribuinte que pagava a lavagem dos ternos de Ibsen, parece natural que ele pudesse juntar todas aquelas economias.

Desprovido desse privilégio, o anão João Alves era obrigado a lavar sua roupa em casa. Para isso tinha de contar com duas empregadas, uma em Brasília, outra em Salvador. O trabalho de engomar suas camisas era tão estafante que o anão pagava salários marajescos a essas empregadas. E elas, por sua vez, iam fazendo um pé-de-meia.

Somente Maria da Silva, a empregada de Brasília, chegou a ter US\$ 713 mil em sua conta no Bamerindus em 1990. Para não falar no trabalho que elas tinham para fazer-lhe as malas. Como o anão não acredita em cheques e só lida com dinheiro vivo, calcule o que não custou a Maria fazer uma única mala do deputado: aquela contendo o equivalente a US\$ 400 mil em notas de cruzeiros, que ele depositou na agência da Caixa Econômica Federal no Congresso em março de 1992 — algo assim como 31 mil notas!

Como se fosse pouco, a participação do deputado João Alves no escândalo do Orçamento está comprometendo a reputação de outras entidades.

Foi noticiado, por exemplo, que ele beneficiou com US\$ 300 mil uma clínica de Brasília, a Daher, que lhe teria feito uma cirurgia plástica há alguns anos. Ora, essa informação deixa muito mal a clínica, que se pretende sofisticada. Porque, tomando-se por base o rosto do anão, se é esse o resultado que ela tem a oferecer aos que procuram os seus serviços, é melhor que cada um se contente com o rosto que tem.

É claro que sempre se poderá perguntar: se foi assim que o deputado ficou depois da cirurgia, como ele não seria *antes*? Não será surpresa se, por causa disso, os organizadores do Movimento

pela Ética na Política pensarem na criação paralela de um Movimento pela Estética na Política.

A transformação do Brasil numa lavanderia já não era sem tempo. Mas o importante é que, enquanto se ensaboa com Omo, o Congresso não jogue fora o bebê com a água do banho — e esse bebê é a revisão constitucional.

**A lambança
não pode
fazer o
Congresso
jogar fora o
bebê com a
água do banho.**